



CARTA
INTERNACIONAL

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 2526-9038

A Construção do Pensamento sobre o Internacional na Rússia: identidades, projetos político-pragmáticos e o Ocidente

*The Construction of Thought
about the International in Russia:
identities, political-pragmatic
projects, and the West*

*La Construcción del pensamiento
sobre el Internacional en Rusia:
identidades, proyectos
político-pragmáticos y el Occidente*

DOI: 10.21530/ci.v16n1.2021.1000

Copyright:

• This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.

• Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.

Daniela Vieira Secches¹
Marina Nunes Bernardes²
Pedro Diniz Rocha³

Resumo

A compreensão sobre o internacional no século XX e o desenvolvimento do campo das Relações Internacionais ecoam particularidades do ambiente sociopolítico no qual são construídos. Isso pode ser percebido no caso da Rússia, onde a construção

- 1 Doutora em Relações Internacionais pela PUC-Minas. Coordenadora da Graduação em Relações Internacionais da PUC-Minas/Praça da Liberdade. Minas Gerais, Brasil. (drvieira@gmail.com). **ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4682-4665>**.
- 2 Mestre em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil. (marinabernardes22@hotmail.com). **ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5261-1354>**.
- 3 Doutorando em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais Santiago Dantas (UNESP-UNICAMP-PUC/SP). São Paulo, Brasil. (pd.rocha@unesp.br). **ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1365-3292>**.

Artigo submetido em 12/09/2019 e aprovado em 06/03/2020.





científica do campo está atrelada a projetos de nação que buscam imitar o *Outro* Ocidental, ou contrapor-se a ele. O objetivo deste artigo é compreender o quadro contemporâneo das escolas de pensamento sobre o internacional naquele país. Para tanto, serão incorporados conceitos da sociologia do conhecimento e do construtivismo aplicado às Relações Internacionais a partir da noção de epistemologias geoculturais. Análises matriciais sobre a literatura revista serão o principal recurso de comparação das classificações propostas pelas obras selecionadas, com vistas a entender o impacto dos diferentes contextos sociopolíticos sobre a Academia. Conclui-se que o caso russo é um interessante exemplo no qual é possível observar a confluência de inclinações identitárias, projetos político-pragmáticos e a constituição dessa área do saber em torno do elemento Ocidental.

Palavras-chave: Relações Internacionais; Academia Russa; Identidades; Projetos Político-Pragmáticos; Política Externa.

Abstract

In order to understand the development of disciplinary International Relations (IR) during the 20th century it is important to consider the sociopolitical reality that compose the context in which the discipline was built. What is particularly true for Russia, where IR was coupled with competing national projects that aimed to imitate the Western “other”, or counteract it. Having said that, the main goal of this article is to understand the contemporary framework of International Relations schools of thought in Russia. To do so it will discuss concepts from sociology of knowledge and constructivism, applied to IR from the idea of geo cultural epistemologies. A Matrix analysis will be the method used to compare and categorize the schools of thought extracted from the specialized literature, and by doing so understand the impact of distinctive sociopolitical contexts over Russian IR. The article concludes that disciplinary International Relations in Russia is embedded with identity trends and political-pragmatic projects that move around the Western element in order to imitate it, or oppose it.

Keywords: International Relations; Russian Academy; Identities; Political-pragmatic Projects; Foreign Policy.

Resumen

La comprensión de lo internacional en el siglo XX y el desarrollo del campo de las Relaciones Internacionales se hacen eco de particularidades del entorno sociopolítico en el que se construyen. Ello se percibe en el caso de Rusia, donde la construcción científica del campo está ligada a proyectos nacionales que buscan imitar a los otros occidentales, o debe. Dicho esto, el propósito de este artículo es entender el marco contemporáneo de las escuelas de





pensamiento sobre lo internacional en ese país. Para ello, se incorporarán conceptos de la sociología del conocimiento y del constructivismo aplicados a las Relaciones Internacionales a partir de la noción de epistemología geocultural. Los análisis de matriz sobre la literatura revisada serán el principal recurso para comparar las clasificaciones propuestas por las obras seleccionadas, con la intención de comprender el impacto de los diferentes contextos sociopolíticos en la academia. Se concluye que el caso ruso proporciona un ejemplo interesante en el que es posible observar la confluencia de las inclinaciones de identidad, los proyectos político-pragmáticos y la constitución de esta área de conocimiento alrededor del elemento occidental.

Palabras clave: Relaciones Internacionales; academia rusa; identidades; proyectos político-pragmáticos; política exterior.

“Vê, meu caro, no século XVIII houve um velho pecador que declarou que se Deus não existisse seria preciso inventá-lo: s’il n’existait pas Dieu il faudrait l’inventer. (...) Quanto à mim, há tempos que decidi não pensar na questão: foi o homem que criou Deus ou Deus que criou o homem? É claro que não vou ficar examinando todos os axiomas que os rapazinhos russos de hoje formulam a esse respeito, todos derivados de hipóteses europeias; pois o que lá é hipótese no rapazinho russo se transforma imediatamente em axioma, e não só nos rapazinhos, mas talvez até em seus professores, porque até hoje os professores russos são, muito amiúde, esses mesmos rapazinhos russos.”

Fiódor Dostoiévski, **Os Irmãos Karamázov**, 1821-1881

No século XIX, Ivan Karamázov, memorável personagem de Dostoiévski em *Os Irmãos Karamázov*, causa polêmica em meio a um mosteiro ao argumentar sua indiferença quanto à relatividade da existência de Deus no contexto de um Dostoiévski que, à época, também estava envolto no debate sobre o limite da religião dentro do Estado e da própria ideia de um poder judiciário teológico, fundado na ortodoxia. O autor, com seu brilhantismo usual, chama a atenção para a profunda influência do pensamento europeu, até mesmo em uma questão tão sensível e central para o cotidiano russo há séculos – a religião. Além de indicar com acidez o tamanho da influência da Europa Ocidental sobre a Academia russa, Dostoiévski atesta a incorporação dessa visão de mundo pelos estudantes e professores russos de forma acrítica e pouco reflexiva.





Hoje é possível notar a persistência da mesma tensão com o *Outro* quando se investiga a situação do pensamento russo sobre o internacional e o desenvolvimento do campo científico das Relações Internacionais no país. Em geral, percebe-se que a construção científica do campo na Rússia está atrelada a projetos de nação que buscam imitar o *Outro* Ocidental, como na crítica de Ivan Karamázov, ou contrapor-se a ele. Em qualquer situação, ao final do dia, têm-se a forte referência da alteridade para a edificação das *episthèmes*. Tal característica é recorrente na ciência quando pensada em termos de sociologia do conhecimento, mas é possível percebê-la de forma mais arraigada e indiferenciada no caso russo a partir de um viés contextualista. Observa-se que, ao longo dos anos de consolidação da área, a tensão com o outro foi absorvida de formas distintas em diferentes momentos sociopolíticos por meio dos projetos estatais.

Com essa hipótese em mente, o objetivo deste artigo é compreender o quadro contemporâneo das escolas de pensamento sobre o internacional na Rússia. O que parece relevante para a academia brasileira afeta às Relações Internacionais (RI), que desconhece, em grande medida, o debate acadêmico das RI na Rússia. As discussões aqui levantadas podem servir como introdução ou ponto de partida para discussões dessa natureza no cenário brasileiro. Ademais, acredita-se que o artigo possa contribuir para o debate contemporâneo dentro das Relações Internacionais relativo à forma pela qual o campo evoluiu e é praticado em diferentes partes do globo (ver, por exemplo, Tickner e Waeber 2009; Tickner e Blaney 2012; 2013).

Em termos metodológicos, optou-se por realizar revisão bibliográfica seguida de análise matricial sobre as escolas de pensamento que discutem o internacional na Rússia, a fim de contrapô-las ao processo de constituição do campo das Relações Internacionais nesse país. A partir do quadro geral institucional delineado previamente, a comparação dos textos busca validar a hipótese sobre a presença constante do elemento da alteridade no pensamento sobre o internacional na Rússia e, por conseguinte, em sua Academia, dada a relação próxima entre a política e a produção científica nessa área. Isto é, tentar-se-á, perceber como a comunidade acadêmica russa hoje reflete sobre o tipo de poder preferido pelo Estado em sua projeção internacional; sobre as tendências globais nas quais o Estado Russo está inserido; e sobre quais seriam as prioridades do relacionamento russo com o internacional (Kuchins e Zevelev 2012).

Foram escolhidas para análise as seguintes obras: Anne Clunan, *The Social Construction of Russia Resurgence: aspirations, identity, and security interest* (2009);





Christian Thorun, *Explaining Change in Russian Foreign Policy: the role of ideas in post-Soviet Russia conduct toward the West* (2009); Andrei Tsygankov, *Russian Foreign Policy: change and continuity in national identity* (2010); e Andrew Kuchins e Igor Zevelev, *Russia Contested National Identity and Foreign Policy* (2012). Foram adotados como critérios de seleção das obras: sua contemporaneidade, o perfil dos autores, e a frequência de citações absolutas e cruzadas entre eles. A partir da construção de uma matriz, buscou-se encontrar os tipos mais recorrentes de escolas de pensamento sobre o internacional presentes na literatura analisada acerca da inserção externa da Rússia. A tipologia serviu, assim, de parâmetro para refletir sobre a próxima relação entre o político e o acadêmico na constituição do campo das Relações Internacionais no país como um espaço de construção do próprio *self* russo.

O artigo segue em duas seções, para além desta breve introdução e das conclusões a primeira seção faz considerações meta-analíticas sobre o campo das Relações Internacionais pautadas na sociologia do conhecimento que possibilitarão reflexão crítica e aprofundada acerca de sua formação e evolução em um dado país, nos termos contidos em uma epistemologia geocultural (Tickner e Waever 2009). Em seguida, será apresentado o quadro institucional das RI na Rússia, bem como breve historiografia de suas escolas de pensamento desde a Guerra Fria, por entender que, apesar da ruptura nos anos 1990, trata-se de um período que deixou heranças importantes para a constituição das escolas de pensamento desde o final do século XX, bem como do próprio campo. A segunda seção realiza a análise matricial das categorias retiradas das obras de Clunan (2009), Thorun (2009), Tsygankov (2010) e Kuchins e Zevelev (2012). Buscar-se-á compreender suas semelhanças e divergências com vistas a apreciar a hipótese, ora assumida, sobre o papel das referências no *Outro* europeu e/ou Ocidental para a formatação do campo no país.

A formação do campo das Relações Internacionais e as escolas de pensamento sobre o internacional na Rússia

Uma visão mais tradicional acerca da história das Relações Internacionais como ciência indica como marco para seu surgimento a Cátedra Woodrow Wilson, na Universidade de Aberystwith, País de Gales. Em 1919, alarmados pela perda de trinta e um jovens estudantes nos campos de batalha da então chamada





Grande Guerra, mobilizaram-se recursos para fundar uma linha de investigação que fosse capaz de criar um projeto de paz mais duradouro para o ambiente internacional, com vistas a evitar que conflito de tamanha proporção voltasse a ocorrer. No entanto, como ressaltam Carvalho *et al.* (2011), é preciso entender essa narrativa no contexto sociológico no qual essa empreitada científica ganha corpo, a fim de melhor compreender seu caráter mitológico, e, enquanto tal, elemento que expressa determinadas percepções.⁴

Primeiramente, é preciso considerar que alocar o mito de origem do campo das Relações Internacionais no contexto de um projeto de paz a ser realizado no pós-Primeira Guerra reflete visões de mundo prevalentes no espaço sociopolítico do início do século XX. As primeiras teorizações sobre o internacional como ente próprio trazem, portanto, uma marca fortemente anglo-estadunidense. Quando se observa o grupo denominado *teorias clássicas* sobre as Relações Internacionais, sejam aquelas de matriz realista ou de matriz liberal, nota-se a prevalência de produções originais nos países do Norte, em especial Estados Unidos da América (EUA) e Reino Unido.⁵

Partindo de uma epistemologia mediativa, torna-se inevitável compreender que o espaço sociopolítico no qual o pensamento teórico é formado interage com aqueles envolvidos na empreitada científica de um dado campo de forma a co-constituir o que se produz academicamente. Pensada como linha de investigação que traz de forma tão forte as interações sociais em suas dimensões cooperativas e conflitivas, as Relações Internacionais são espaço fértil para que se perceba esse tipo de desdobramento. Especialmente quando se considera a juventude do campo, torna-se de suma importância promover o enraizamento de reflexões sobre a sociologia do conhecimento por trás de sua constituição e desenvolvimento, como proposto Karl Mannheim (1954), e debatido por tantos outros.⁶

Ao observar a história de seu *mainstream*, pode-se notar que as Relações Internacionais estão baseadas em certas condições sociais e premissas culturais (Tsygankov e Tsygankov 2010). Essa inclinação rumo às cosmologias prevalentes no Ocidente, seja para incorporação ou para contestação, estão refletidas em

4 Os autores consideram 1648 e 1919 como datas míticas do campo que carecem de um tratamento revisionista para serem mais bem compreendidas (ver Carvalho *et al.* 2011).

5 Um breve passeio pelos fundadores das vertentes teóricas das famílias realista e liberal no século XX permite verificar a concentração da produção teórica do campo nos Estados Unidos e no Reino Unido, por meio dos trabalhos de Hans Morgenthau, Kenneth Waltz, John Mearsheimer, Robert Keohane, Joseph Nye, entre tantos outros.

6 Ver, por exemplo, Adorno (1981).





conceitos como balança de poder, instituições, e na dicotomia exploração *versus* emancipação da pessoa humana. Ainda a partir de uma abordagem construtivista, é possível perceber que essas definições carregam uma tensão identitária. Andrei e Pavel Tsygankov (2010) relembram que, em muitos dos caminhos teóricos sobre Relações Internacionais percorridos no Ocidente, é possível notar uma preocupação em definir o internacional a partir da relação percebida e/ou idealizada entre o *Self* e o *Outro*, passando por projetos sociopolíticos referenciados no Estado e em suas elites.

Contemporaneamente, a Academia de Relações Internacionais padece de profundo desconhecimento sobre movimentos de teorização para além do que fora feito ao longo dos séculos XX e XXI nos Estados Unidos (Hoffman 1977). Waever e Tickner (2009) propõem o incentivo à reflexão sobre distintas *epistemologias geoculturais* como forma de superar esse vácuo e ir além da crítica pós-positivista, sociológica ou historiográfica. Por essa estratégia, seria possível compreender os limites do campo entendido como entidade temporal e geograficamente localizada, pensada e representada. Seus produtos intelectuais, por conseguinte, podem representar tanto o padrão ocidental quanto desvios a essa normalidade. Uma empreitada científica que de fato cumpra seu papel sistematizador e inovador depende, então, de uma consciência informada sobre essas questões.

A investigação sobre as distintas epistemologias geoculturais que compõem o campo dependeria de três questões centrais (Waever e Tickner 2009). Primeiramente, deve-se questionar qual é a situação do campo das Relações Internacionais nos diversos espaços globais, e quais são os temas e abordagens mais utilizados. Em segundo lugar, cabe questionar quais são as razões que levam a esse tipo de produção. Por fim, para melhor conectar prática e teoria, conjecturas sobre as possibilidades de desenvolvimento futuro do campo no local devem ser debatidas.

É a partir desse quadro meta-analítico que o presente artigo pretende discutir as escolas de pensamento sobre o internacional na Rússia, com vistas a compreender se elas refletem uma constante referência ao outro Ocidental a partir de pretensões político-pragmáticas do contexto sociopolítico vivido em um dado momento. As escolas de pensamento serão entendidas como *episthèmes* a partir das quais se examina a extensão do discurso na sociedade acadêmica, seguindo Tsygankov (2010; 2014), inspirado em Martin Wight (1991). No caso da presente proposta, serão historicamente consideradas as atitudes que esse discurso sustenta em relação ao *Self* e ao *Outro* em momentos distintos. Inicialmente, entretanto, será





traçado um breve quadro geral institucional do pensamento sobre o internacional na Rússia. Serão consideradas as principais instituições de ensino e pesquisa na atualidade e como seus perfis foram histórica e politicamente moldados.

A construção das escolas de pensamento sobre o internacional na Rússia

Considerando o século XX como o momento de início da constituição formal do campo das Relações Internacionais como empreitada científica autônoma, três períodos marcam a formação das escolas de pensamento sobre o internacional na Rússia e o desenvolvimento acadêmico da disciplina – a Guerra Fria, o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), e o aprofundamento da globalização no novo milênio (Sergounin 2009). O período da Guerra Fria e os desdobramentos que inicialmente levaram a ela demonstram uma tradição ainda arraigada nas *episthèmes* russas de uma relação bastante próxima às auto narrativas oficiais do Estado e às suas preocupações político-pragmáticas. Para Sergounin (2009), a década de 1970 traz uma mudança importante para a Academia na Rússia soviética. Até então, era possível notar o predomínio de modelos teóricos singulares (Waever e Tickner 2009), fornecendo uma visão local sobre os preceitos marxistas para se pensar o internacional.⁷ Nesse cenário, o Estado-nação era visto como variável dependente e a ele era atribuído poder explicativo parcial diante de unidades como classes e raças.

Essa interpretação predominante, dentro do que Sergounin (2009) chama de paradigma globalista, contrariava o *mainstream* estruturalista do período na Academia anglo-saxã, que tinha suas atenções voltadas para o neorealismo de Kenneth Waltz. Em *Teoria de Relações Internacionais*, por meio de instrumentais microeconômicos, Waltz (2002) coloca o Estado como variável independente central para a compreensão do sistema internacional. Tal visão estatocêntrica passa a prevalecer na Academia russa apenas a partir dos anos de 1970, quando um novo aquecimento das tensões com o Oeste levaram à necessidade de se pensar um projeto de nação ideologicamente desvinculado, que pudesse recompor o declínio do dinamismo soviético de outrora. Esse movimento trouxe o realismo

7 Waever e Tickner (2009, p.109) classificam quatro tipos de interação entre as teorias locais e globais sobre Relações Internacionais: importação pura dos modelos globais, no qual teorias externas são incorporadas sem modificações em relação à dinâmica local; *tool-box*, com adequação parcial de elementos que funcionam diante do projeto de narrativa abraçado; singularidade local, com a adaptação de teorias globais a realidades específicas; e teorias nascidas integralmente no próprio local, em grande medida distintas das externas.





estrutural e a econometria para as escolas de pensamento russas predominantes no período, dentro do que Waever e Tickner (2009) chamam de *tool-box* – uma importação de elementos e conceitos que pareceriam mais adequados ao projeto russo. No âmbito da política externa, os governos soviéticos buscaram cooptar aliados ideológicos para garantir apoio às suas políticas regionais e globais; enquanto o seu diálogo doméstico utilizava a retórica nacionalista para a obtenção de apoio popular.

O fim da União Soviética e da lógica de confrontação bipolar direta da Guerra Fria abriu espaço para um pensamento teórico cada vez mais fundado em pura importação, em especial do modelo liberal. É possível perceber que dentro do governo russo nesse período passaram a existir três grandes vertentes políticas sobre política externa: os pró-Occidente, que defendem reformas sobre o sistema político da Rússia usando o Ocidente como modelo; os adeptos ao conceito da balança de poderes, que querem promover uma política externa multivetorial separada da esfera doméstica; e os nacionalistas, que enxergam uma missão especial da Rússia nas relações internacionais e procuram maior integração com os seus vizinhos que faziam parte da URSS (Kuchins e Zevelev 2012). Em meio às discussões dessas três vertentes dentro do governo, o *New Political Thinking* de Mikhail Gorbachev trazia uma versão oficial do pensamento internacional com uma concepção mais abrangente sobre segurança, de certa forma adaptando o discurso marxista a certos elementos ocidentais no formato *tool-box* (Tsygankov 2012). A chegada ao poder de Boris Iéltsin, com Andrei Kozyrev à frente da chancelaria do Kremlin, apresentou com mais força os elementos do pensamento liberal ocidental às escolas russas, em especial até 1993. No entanto, o programa econômico de “terapia de choque”, a primeira guerra da Chechênia e a decepção gerada pela crise de 1998 em relação aos processos de liberalização e de abertura ao capital estrangeiro levaram a uma ampliação das possibilidades de teorização sobre o internacional. A partir da entrada de Putin na presidência, a economia russa passou por uma fase de crescimento expoente devido à exportação de *commodities*, ao mesmo tempo em que, no âmbito regional, o país lidava com a expansão da OTAN e as chamadas revoluções coloridas, desenvolvendo ainda outra vertente teórica sobre o internacional (Mielniczuk e Piccolli 2015).

Contemporaneamente, pensado a partir dos processos de globalização, o internacional na academia russa pode ser entendido a partir de um olhar externo, com reflexões sobre qual seria o papel da Rússia no pós-Guerra Fria na tensão entre jogar segundo as regras ocidentais ou desafiá-las. Por outro lado, as escolas





de pensamento também buscam compreender como internamente se entende os fluxos internacionais – por meio de aceitação completa, seletiva ou de rejeição radical dos mesmos (Tsygankov 2012). Os teóricos e as instituições que trabalham no marco realista ou dentro dos debates sobre economia política internacional incorporam parcialmente as reflexões ocidentais sobre a posição da Rússia no sistema internacional. Por seu turno, os liberais, em linha com o liberalismo político e econômico da década de 1990, tendem a incorporar completamente a visão do Ocidente sobre o espaço devido à Rússia no pós-Guerra Fria. Por fim, os que Tsygankov (2012) denomina como essencialistas culturais procuram rejeitar completamente as visões externas sobre a vocação russa. Apesar da rejeição, cabe lembrar que os próprios projetos alternativos construídos por essa corrente mantêm a alteridade como referência, ou seja, a Rússia mereceria um papel diferenciado na ordem internacional pós-1990 justamente pelas suas diferenças em relação aos chamados ocidentais.

Outro elemento importante a ser percebido é a persistência do legado de uma próxima relação entre o setor estatal e a Academia de Relações Internacionais no país. A primeira Faculdade de Relações Internacionais (posteriormente, foi transformada em um órgão separado, sob a direção do Ministério das Relações Exteriores, e passou a se chamar Instituto Estatal de Moscou de Relações Internacionais – MGIMO) foi criada em 1943 pela Universidade Estatal de Moscou justamente para a formação diplomática russa e a estruturação de um corpo docente para organizações soviéticas que lidassem com o internacional, como o Ministério de Comércio Exterior e o Ministério de Relações Exteriores (Lebedeva 2004). A emigração de cientistas ao longo do período da Guerra Fria fez com que os próprios pesquisadores, então acostumados com essa relação simbiótica entre a práxis política e a produção acadêmica durante o período anterior, fossem justamente aqueles que assumiram cargos centrais nas universidades e centros de pesquisa, tendo em vista que, em geral, os que seguiam uma linha mais autônoma não mais residiam no país (Sergounin, 2009).

Somado a um contexto de crise econômica e pouco acesso ao ensino universitário, a ideologização do campo persistiu de forma consideravelmente forte.⁸ A distância dos pesquisadores que seguiram uma linha politicamente mais independente e a ausência de mecanismos institucionais que de fato

⁸ Sergounin (2009) relembra que em 2000 houve uma compreensiva reforma educacional, que aumentou o número de estudantes matriculados nas universidades, inclusive nos cursos de graduação em Relações Internacionais. No entanto, percebe-se que esse processo de renovação do público universitário ainda se encontra em curso, e, em sua grande maioria, concentrado nos grandes centros como Moscou e São Petersburgo.





solidificassem as contribuições para o campo dentro e fora da Rússia complicaram ainda mais essa equação. O campo também tinha uma preocupação maior com assuntos e sujeitos, e não com problemas em si; por esse motivo o curso de Relações Internacionais se estruturou em torno de estudos de área e, mais especificamente, de países. Isso aconteceu devido às necessidades pragmáticas do governo em relação à sua política externa, já que ele tinha controle direto sobre o ensino e as pesquisas da área. Em realidade, a próxima relação entre o Kremlin e as Universidades de RI permaneceu por muitos anos após o fim da URSS. Um exemplo disso foi a criação do Instituto de Economia Mundial e de Política Mundial, para fomentar análises de acadêmicos sobre as relações internacionais e aconselhar os tomadores de decisão do governo (Lebedeva 2004).

Atualmente, existem cerca de quarenta cursos de graduação em Relações Internacionais na Rússia, com destaque para os programas da Universidade Estatal de Moscou e da Universidade Estatal de São Petersburgo.⁹ Com viés mais pragmático, a Academia Russa de Ciências promove estudos por áreas geográficas. Por sua vez, nove institutos e centros ministeriais envolvem-se diretamente com a temática internacional e buscam consolidar e promover a versão oficial a respeito do tema.¹⁰ Centros de pesquisa, igualmente, costumam localizar-se no eixo São Petersburgo-Moscou, e alguns deles trabalham em perspectivas teóricas de importação pura por meio de financiamentos internacionais, como é o caso do *Moscow Carnegie Center* e do *East-West Institute*. Uma visão mais plural é conferida por outros *think tanks*, como o Clube Valdai.¹¹ A *Southern Political Science Association*, fundada na década de 1990, é a associação de classe que representa também os pesquisadores de Relações Internacionais, o que denota a permanente dependência do campo em relação à Ciência Política. Desde 1999, a *Russian International Studies Association* (RISA) tenta trilhar um caminho mais independente para o campo com encontros a cada dois ou três anos (Sergounin 2009).¹²

9 Enquanto em Moscou prevalece uma proximidade patente com o Ministério das Relações Exteriores e uma produção científica mais voltada para um projeto de nação *putiniano*, a Academia em São Petersburgo tem um espaço maior para teorias importadas de matriz liberal, base para a fundamentação da atual oposição política na Rússia (ver Lebedeva 2004).

10 Segundo Sergounin (2009), são eles: Academia Diplomática, Academia de Serviço Geral, Universidade Militar, Academia do Serviço de Segurança Federal, Academia do Serviço de Inteligência Estrangeiro, Academia Russa de Serviço Público, Academia de Economia Pública, Academia de Finanças, e Instituto Russo de Estudos Estratégicos.

11 Criada em 2004, a organização conta com representantes de várias origens e linhas de trabalho em uma tentativa de desenvolver um diálogo global sobre a Rússia. No entanto, é possível perceber forte ligação de seu trabalho com o Kremlin e a gestão de Putin. Para mais informações, ver (Valdai Club 2015).

12 Para mais informações sobre a *Russian International Studies Association* (RISA), consulte sua página oficial (RISA 2015).





As publicações no campo das Relações Internacionais são ainda bastante tímidas na atual Academia russa. Além de carecer de diversidade temática e teórica, bem como não serem edições tradicionalmente frequentes, os jornais científicos não conseguem exercer sua típica função de socializar as ideias de uma dada comunidade local (Sergounin 2009). O principal exemplo é o periódico *Kosmopolis*,¹³ publicado desde 1999, pela *Russian International Studies Association*. Outras revistas possuem perfil multidisciplinar, como *Social Sciences and Modernity*,¹⁴ *Polis*,¹⁵ *Political Science*,¹⁶ *World Economy and International Relations*,¹⁷ e *Socio-Political Journal*.¹⁸ Uma perspectiva de forte viés político é oferecida pelo jornal do Ministério das Relações Exteriores russo – *International Affairs*.¹⁹

Ainda institucionalmente, a cosmologia da Igreja Ortodoxa e a ideia eurásiana marcam forte presença em muitas das escolas de pensamento, seja para confrontação ou para concordância e sustentação de seus argumentos (Tsygankov e Tsygankov 2010). Essas visões de mundo desaguam no complexo psicológico do medo do *Outro* e na necessidade de consolidação do *Self* em versões variadas de poder hegemônico com vistas à proteção, como pode ser notado na autonarrativa da Terceira Roma²⁰ e no movimento de expansão e resguardo das terras russas diante do reiterado domínio estrangeiro – hordas mongóis, turcos otomanos, lordes feudais suecos, aristocracias da Polônia-Lituânia, capitalistas britânicos e franceses, e barões japoneses.²¹

A definição da identidade nacional russa e, por conseguinte, da forma como o Estado vê a si próprio tem a Europa como principal referência de outro na construção de seu *self* (Hopf 2008). Essa interface ganhou maior determinação a partir do século XVI, com a administração moscovita do Estado, e, especialmente,

13 Seus exemplares podem ser acessados pelo site oficial da RISA (RISA 2015).

14 Mais informações sobre o periódico *Social Sciences and Modernity* podem ser obtidas no Portal Federal de Educação.

15 Mais informações sobre o periódico *Polis* podem ser obtidas no site oficial da Editora NalicMag.

16 Mais informações sobre o periódico *Political Science* podem ser obtidas em sua página oficial (Political Science 2015).

17 Mais informações sobre o periódico *World Economy and International Relations* podem ser obtidas de sua página oficial.

18 Mais informações sobre o periódico *Socio-Political Journal* podem ser obtidas de sua página oficial (Socio-Political Journal 2015).

19 Mais informações sobre o periódico *International Affairs* podem ser obtidas em sua página oficial.

20 O mito da Terceira Roma surgiu no reinado de Ivan III por seu casamento com Sofia Paleologue, filha do imperador bizantino. Ivan IV, neto do casal, trouxe à tona a autonarrativa da herança por direito de Moscou sobre o legado do Império Romano, o que transformaria o centro da Rússia na sua terceira capital (Neumann 1996).

21 Descrição contida em famoso discurso de Joseph Stalin, lembrada por Sakwa (1999).





quando o czar Pedro, o Grande, chegou ao poder, no século XVII, com suas reformas modernizantes que possuíam os modelos europeus como referência. A partir do Segunda Guerra Mundial, percebe-se uma expansão dessa concepção de alteridade para o Ocidente, de forma a incluir também os Estados Unidos da América e todo o modelo capitalista liberal.

O pensamento sobre o internacional na Rússia é profundamente influenciado por essa definição identitária. Nesse sentido, é possível localizar escolas de pensamento sobre o internacional que se consolidaram no pós-Guerra Fria de forma a propor uma reflexão russa a respeito – todas elas tendo por espinha dorsal a projeção do Estado em relação ao Ocidente, com suas concepções específicas de visão sobre o outro. Por conseguinte, elas refletem formas distintas de se pensar os processos de cooperação e de conflito entre atores com interface no ambiente internacional, e possuem uma relação simbiótica com os projetos sociopolíticos do contexto em que emergem.

O Outro nas escolas de pensamento sobre o internacional na Rússia Contemporânea

A linha entre as escolas de pensamento academicamente produzidas e a reflexão sociopolítica sobre identidade na Rússia contemporânea é muito tênue, e por muitas vezes torna-se impossível separar o que é uma produção acadêmica dos projetos de nação das elites políticas do país e da própria autopercepção do *Self* enquanto constituição estatal da identidade nacional. O trabalho busca, então, identificar as propostas político-pragmáticas das narrativas sobre o nacional recorrentes na produção acadêmica russa de hoje. Não se quer, contudo, estabelecer uma lógica de causalidade. Parte-se da premissa de que o contexto sociopolítico, as percepções sobre identidade nacional, e a produção acadêmica compartilham uma relação simbiótica de mútua constituição.

Para tanto, buscou-se fazer uma revisão bibliográfica sobre quatro classificações de autores recentes, correntemente citados no campo,²² a fim de entender o que elas têm em comum quando se pensa na correlação entre tais *episthèmes*

22 O critério cronológico de seleção repousou sobre a necessidade de trabalhos que considerassem as mudanças sociopolíticas russas e do contexto global no novo milênio. Sendo assim, optou-se por obras publicadas após 2008, para assim poder analisar ao menos o primeiro mandato de Vladimir Putin e as mudanças no predomínio da importação liberal pura. A recorrência de citação dos autores foi compreendida a partir da leitura de cerca de trinta obras contemporâneas sobre o tema que continham referência constante aos autores utilizados e a partir da identificação de referências cruzadas entre os próprios autores.





sobre o internacional e o impacto sobre elas do *Outro* ocidental e da decorrente necessidade defendida de sua confrontação ou imitação. São elas:

- a) Anne Clunan – *The Social Construction of Russia Resurgence: aspirations, identity, and security interest* (2009)²³. Clunan parte de uma sustentação teórica fundada no construtivismo aspiracional para refletir sobre as autoimagens nacionais russas que se consolidaram em meio à elite política do país durante os anos 1990 e persistem nas autonarrativas contemporâneas. A autora identifica cinco categorias de autoimagens: **Ocidental, Estatista, Restauracionista, Neocomunista e Eslavófila;**
- b) Christian Thorun – *Explaining Change in Russian Foreign Policy: the role of ideas in post-Soviet Russia conduct toward the West* (2009)²⁴. Thorun procura responder a três questões no que diz respeito às autonarrativas russas sobre o internacional a partir da perspectiva dos discursos das lideranças. Primeiramente, o autor questiona como se percebia a natureza das relações internacionais. Em segundo lugar, pergunta-se qual seria o status e o papel da identidade nacional russa em contraposição ao *Outro*. Por fim, busca entender como se acreditava que os interesses nacionais poderiam ser mais bem satisfeitos no ambiente externo. A partir disso Thorun (2009) identifica quatro categorias de autoimagens: **Ideias Liberais, Realismo Geopolítico, Realismo Geoeconômico Pragmático e Realismo Geoestratégico Cultural;**
- c) Andrei Tsygankov – *Russian Foreign Policy: change and continuity in national identity* (2010)²⁵. Tsygankov parte da premissa de que o comportamento russo e seu projeto de nação é influenciado especialmente pelo comportamento dos Estados ocidentais. Dessa forma, a filiação russa percebida ao mundo ocidental é uma variável central para determinar os projetos político-pragmáticos, o que se entende aqui teria uma ligação direta com a produção acadêmica. Tsygankov (2010) identifica períodos de mudança e continuidade na história da Rússia em relação ao tema, e divide

23 De acordo com o mecanismo de busca do *Google Scholar*, até agosto de 2019 a obra de Clunan (2009) possuía 228 citações.

24 De acordo com o mecanismo de busca do *Google Scholar*, até agosto de 2019 a obra de Thorun (2009) possuía 104 citações.

25 De acordo com o mecanismo de busca do *Google Scholar*, até agosto de 2019 a obra de Tsygankov (2010) possuía 647 citações.

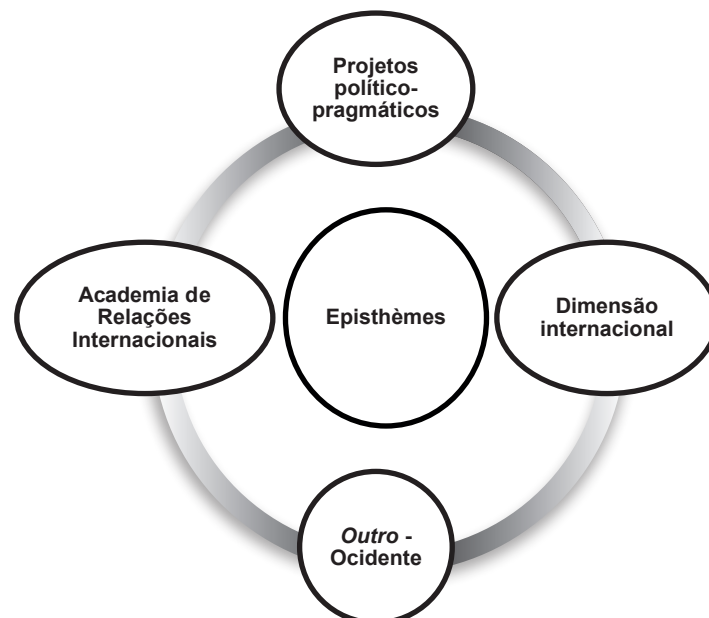


seu pensamento sobre o internacional em três correntes: **Ocidentalismo, Estatismo e Civilizacionismo;**

- d) Andrew Kuchins e Igor Zevelev – *Russia Contested National Identity and Foreign Policy* (2012)²⁶. Kuchins e Zevelev procuram identificar elementos contínuos entre a identidade nacional russa e a política externa do Estado e com isso em mente chegam a três escolas de pensamento: **Liberais Pró-Ocidentais, Balanceadores de Grandes Potências e Nacionalistas.**

Tais categorias de interpretação sobre as forças identitárias na Rússia podem ser entendidas como escolas de pensamento sobre o internacional do país, na medida em que os projetos político-pragmáticos e a produção acadêmica confundem-se em uma relação mediativa de co-constituição. Nesse sentido, a Academia no país, co-constituída, ainda sob impacto do legado soviético, pelas preocupações políticas de se instituir um projeto de nação sócio-historicamente coerente no pós-Guerra Fria, encontra-se dividida entre leituras mimetizadoras e de contraposição ao pensamento *mainstream* sobre o internacional, prevalente quando se considera o campo global das Relações Internacionais (ver figura 1).

Figura 1. Relação simbiótica entre a Academia de Relações Internacionais na Rússia e projetos político-pragmáticos de nação



Fonte: Elaboração própria.

²⁶ De acordo com o mecanismo de busca do *Google Scholar*, até agosto de 2019 o artigo de Kuchins e Zevelev (2012) possuía 76 citações



A partir dos trabalhos de Clunan (2009), Thorun (2009), Tsygankov (2010), e Kuchins e Zevelev (2012) percebe-se, então, autonarrativas de duas naturezas – mimetizadoras e confrontadoras. Quando pensada em termos de projetos político-pragmáticos, a categoria confrontadora subdivide-se entre coexistência e conflito existencial, na medida em que, diferentemente, entendem a confrontação como espaço no qual Ocidente e Rússia, respectivamente, convivem como opositores ou estão fadados a conflitar para garantia de suas próprias subsistências. O quadro 1 resume a localização das classificações segundo suas opiniões sobre o tipo de poder preferido, a natureza das relações globais, e as propostas de posicionamento russo diante desse cenário, categorias propostas por Kuchins e Zevelev (2012).

Quadro 1. Sobreposições entre as classificações trabalhadas na revisão bibliográfica sobre Clunan (2009), Thorun (2009), Tsygankov (2010), e Kuchins e Zevelev (2012)*

Mimetização do <i>Outro</i>	Confrontação com o <i>Outro</i> pela coexistência	Confrontação com o <i>Outro</i> pelo conflito existencial
Ocidental	Estatistas	Restauracionista
Ideais Liberais	Neocomunistas	Eslavófila
Ocidentalismo	Realismo geoeconômicos pragmáticos	Realismo geopolítico
Liberais Pró-Ocidentais	Realismo geocultural	Civilizacionismo
	Estatismo	Nacionalistas
	Balanceadores de Grandes Potências	

Fonte: Elaboração própria.

* Legenda: Clunan (2009) Thorun (2009) Tsygankov (2010) Kuchins; Zevelev (2012)

Em termos de mimetização, identifica-se em uníssono entre os quatro autores uma autoimagem da Rússia como parte integrante do Outro Ocidental e que compartilha com o Ocidente valores fundamentais como a democracia, o liberalismo, o respeito aos direitos humanos e a defesa do meio ambiente. Seja definida como Ocidental (Clunan 2009), Ideias Liberais (Thorun 2009), Ocidentalismo (Tsygankov 2010) ou Liberais Pró-Ocidentais (Kuchins e Zevelev 2012), os adeptos desta autoimagem percebem a política internacional como um ambiente de cooperação facilitado pela afinidade intrínseca da Rússia com o Ocidente e, por isso, defendem maior aproximação do país com as grandes potências europeias e com os Estados Unidos. Nesse sentido, destaca Clunan (2009, p.63) ser objetivo primordial da Rússia adentrar de forma ativa em organizações internacionais predominantemente ocidentais, como a OMC e o





FMI, ou em fóruns de cooperação econômica como o G20 e o G7. Ponto também destacado por Thorun (2009), Tsygankov (2010) e Kuchins e Zevelev (2012).

No que diz respeito ao aspecto da confrontação com o Outro pela coexistência, é possível identificar seis classificações sobrepostas de autoimagens russas, cada uma com suas particularidades. São elas: Estatistas (Clunan 2009), Neocomunistas (Clunan 2009), Realismo Geoeconômico Pragmático (Thorun 2009), Realismo Geocultural (Thorun 2009), Estatismo (Tsygankov 2010), Balanceadores de Grandes Potências (Kuchins e Zevelev 2012). Essas vertentes têm uma visão comum de interação e cooperação entre atores estatais para criar equilíbrio entre eles, com a Rússia ocupando o *status* de potência internacional. Clunan (2009), por exemplo, em sua auto-imagem estatista, destaca a responsabilidade do país na esfera internacional, já que ela seria, àquele ator, capaz de mediar a relação do ocidente com o oriente por compartilhar valores com ambas as partes. Da mesma maneira, no que concerne a autoimagem neocomunista, o autor destaca o papel russo de grande potência regional, que deve exercer sua influência principalmente sobre os países que formavam a URSS. A balança de poder é aqui uma estratégia essencial para evitar conflitos, sendo o papel da Rússia o de balanceador internacional.

Thorun (2009), por sua vez, aponta que houve mudanças na política externa da Rússia no pós-Guerra Fria que evidenciam as distintas autoimagens do país de acordo com o contexto político internacional do momento. Em termos do Realismo Geoeconômico Pragmático, o mundo é visto como multipolar e competitivo mas o foco está nos aspectos econômicos da política internacional, além dos geoestratégicos. Por exemplo, a expansão da OTAN para o Leste Europeu, entre 2000 e 2004, teve menos espaço na agenda russa e outros temas como competição econômica extrema e exclusão econômica e comercial entraram em ascensão. No que concerne ao Realismo Geocultural, este abrange também uma preocupação com competição de ideias na esfera internacional, onde valores ocidentais liberais como a democracia entravam em choque com a cultura russa. Desse modo, essa visão reconhece um mundo multipolar e altamente competitivo, mas com os aspectos econômicos e culturais somados ao estratégico, pois o Oeste passou a apresentar ameaças mais diversificadas à esfera de influência russa.

De acordo com Kuchins e Zevelev (2012) os Balanceadores de Grandes Potências percebem o sistema internacional de forma estatocêntrica, com uma atenção importante aos “interesses nacionais russos”, e a política de balança de poder como estratégia essencial na relação da Rússia com os demais países.





Aqui, é importante destacar que a posição de destaque russa não significa, necessariamente, menor importância do Oeste, e sim que os dois devem coexistir sem que o último exceda seus poderes. Os balanceadores também defendem o aprendizado com os países do Oeste, principalmente no que diz respeito à tecnologia ocidental, em matéria de competição e investimento externo direto. Ademais, Tsygankov (2010) ainda aponta que, apesar das tensões com o Ocidente, a confrontação pela coexistência não significa a rejeição do Outro Ocidental, e sim a busca pelo reconhecimento próprio através da ênfase nas *capabilities*. A existência de uma ameaça externa é uma ideia intrínseca ao Estatismo percebido por esse autor, além do modo como a jornada russa não deve ser espelho da ocidental, pois a ideia de Estado forte seria mais prudente para a Rússia do que a democracia e o liberalismo.

Em pólo oposto à autoimagem mimetizadora, e embora em certos aspectos diferentes, as autoimagens Restauracionista (Clunan 2009), Eslavófila (Clunan 2009), Realismo Geopolítico (Thorun 2009), Civilizacionismo (Tsygankov 2010) e Nacionalista (Kuchins e Zevelev 2012) têm em comum a construção de uma identidade particularizada da Rússia que rivaliza a todo momento com o Outro ocidental em um conflito existencial. A política internacional é vista como um jogo de soma zero em que a sobrevivência da Rússia enquanto civilização está em risco. Nesse sentido, há pouca margem para a cooperação com o Ocidente, há que se proteger a hegemonia do país na Eurásia, diversificar parceiros não ocidentais e construir uma ordem internacional que não seja fundada na imagem das grandes potências europeias e dos Estados Unidos (ver, por exemplo, Clunan 2009; Thorun 2009; Tsygankov 2010; e Kuchins e Zevelev 2012).

Em Clunan (2009) a confrontação com o Outro pelo conflito existencial se reflete por um lado na autoimagem Restauracionista (Clunan 2009), pela ideia de restauração dos antigos impérios Russo e Soviético e no papel do país na liderança de uma ordem internacional não-Ocidental; e por outro, na autoimagem Eslavófila (Clunan 2009), pela exaltação da origem Eslava e Ortodoxa da Rússia, que imbui o país a liderar o mundo eslavo frente a um ocidente secular que lhe ameaça. As duas autoimagens propostas por Clunan (2009) são incorporadas por Kuchins e Zevelev (2012) sob a nomenclatura Nacionalista, composta tanto por neoimperialistas (ou Restauracionistas), quanto por étnico-nacionalistas (ou Eslavófilos). Ideia também captada pela autoimagem Civilizacionista proposta por Tsygankov (2010), composta tanto por Eurasianistas (ou Eslavófilos) quanto por Civilizacionistas Soviéticos (ou Restauracionistas).





Por fim, destaca-se também em Thorun (2009), a partir da autoimagem Realismo Geopolítico, um predomínio da ideia de confrontação do outro pelo conflito existencial. No entanto, apesar de ressaltar a herança eslava da Rússia como propulsora da hegemonia do país na Eurásia, dá-se maior ênfase às características próprias do ambiente internacional (anárquico, incerto, ameaçador) para justificar uma confrontação ostensiva ao bloco ocidental e a necessidade de sustentar sua posição na região (Thorun 2009). Thorun (2009) destaca ainda a ideia de que, segundo proponentes dessa autoimagem, a Rússia possui capacidade militar suficientemente grande para jogar o jogo das grandes potências e, portanto, deve conduzir suas relações exteriores de maneira assertiva ao risco de perder seu status geopolítico caso não o fizer.

Conclusão

Ao se retomar a periodização de Sergounin (2009) sobre a formação do campo das Relações Internacionais na União Soviética e na Rússia a partir do século XX, é possível perceber um predomínio da confrontação com o outro pelo conflito existencial enquanto imagem identitária prevalecente nos projetos político-pragmáticos e na Academia. Nesse cenário, as produções científicas, em larga medida cooptadas pelo Estado, viam em paradigmas globalistas a possibilidade de sustentação do enfrentamento ideológico, com espaço para investigações sobre o internacional, por exemplo, a partir do viés marxista.

A partir de 1970, na chamada segunda fase da Guerra Fria, a retomada das tensões impuseram ao Kremlin um projeto político-pragmático que fosse capaz de consolidar o poder soviético de forma a sustentar sua posição de hegemonia (Sergounin 2009). Nesse cenário, abre-se espaço para visões de mundo fundadas na confrontação pela coexistência. Essa opção aproxima o campo das Relações Internacionais na Academia soviética aos modelos de importação teórica via adaptação, levados pela forte influência do *mainstream* estruturalista e behaviorista da época, com foco nos debates sobre *hard power* e balança de poder.

O fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas levou a um movimento paradoxal de abertura dentro da Academia (Sergounin 2009). Por um lado, a opção pela rápida introdução dos elementos de livre mercado impôs modelos teóricos de importação pura fundados na cartilha liberal ecoados nas visões de mundo mimetizadoras – foco no poder econômico, ações multilaterais, e filiação





e participação mais intensas nos organismos internacionais. No entanto, a crise econômica de 1998 trouxe à tona os limites tanto teóricos quanto político-pragmáticos da liberalização, levando a expansão de projetos de nação mais confrontadores. Como é possível perceber uma continuidade na sobreposição entre Estado e Academia, a incorporação desses renovados elementos conflitivos ao discurso oficial pós-1998 também se reflete em opções teóricas mais diversas para as investidas científicas sobre o internacional na Rússia do novo milênio.

Dessa forma, considerando os fatores históricos que influenciaram a formação da Academia de Relações Internacionais na Rússia no século XX, pode-se perceber que o legado soviético foi de fundamental importância para a tradição próxima entre as versões políticas oficiais sobre a percepção do *Outro* e a produção acadêmica, como denota a periodização de Thorun (2009), contraposta às demais classificações. No que diz respeito ao arcabouço institucional, é possível observar, hoje, maior aproximação entre a produção da Universidade Estatal de São Petersburgo e dos centros de pesquisa ocidentais com o *Moscow Carnegie Center* das autonarrativas mimetizadoras. Por outro lado, a Universidade Estatal de Moscou, a Academia Russa de Ciências, e as escolas governamentais apresentariam, atualmente, uma produção mais voltada às autonarrativas confrontadoras.

O objetivo do presente artigo era traçar breves considerações sobre a importância do outro para a formação do campo das Relações Internacionais na Rússia e seus desdobramentos dentro de distintos projetos político-pragmáticos de nação, premissa derivada da sociologia do conhecimento em uma perspectiva construtivista. Refletiu-se, então, sobre os fatos históricos que marcaram a constituição do campo no país, sua estrutura institucional, e autonarrativas presentes em obras a respeito que reproduzem visões de mundo onde a perspectiva da academia sobre o internacional encontra-se com projetos político-pragmáticos para mimetizar ou confrontar o *Outro* ocidental.

Um próximo passo, que fugia ao escopo do presente trabalho pela necessidade de mobilização de recursos *in loco*, seria analisar a produção acadêmica dos referidos centros a partir das categorias propostas e contrapô-las aos projetos de nação vigentes no contexto sociopolítico de sua produção. De qualquer forma, a partir das conclusões aqui traçadas, o texto literário de Dostoievski segue encontrando eco no campo das Relações Internacionais na Rússia, na medida em que uma de suas orientações mestras repousa sobre exaltar o Ocidente enquanto axioma ou contestar tal postura, aproximando-se da crítica magistral deixada pelo seu personagem, Ivan Karamázov.





Referências Bibliográficas

- Adorno, Theodore W.. 1981. The Sociology of Knowledge and Its Consciousness. *Prisms*, Cambridge, pp. 37-49.
- Carvalho, Benjamin de, *et al.* 2011. The big bangs of IR: The myths that your teachers still tell you about 1648 and 1919. In: *Millennium: Journal of international studies*, 39 (3), p. 735-758.
- Clunan, Anne L. 2009. *The Social Construction of Russia Ressurgence: aspirations, identity and security interests*. Baltimore: John Hopkins University Press.
- Dostoiévski, Fiódor. 2012. *Os Irmãos Karamázov*. São Paulo: Editora 34, p. 323.
- Hopf, Ted. (Ed.). 2008. *Russia's European Choice*. Hampshire: Palgrave, 2008.
- International Affairs. *Site oficial*. Disponível em: < <http://en.interaffairs.ru> > . Acesso em: 18 de maio de 2015.
- Kuchins, Andrew; Zevelev, Igor. 2012. Russia Contested National Identity and Foreign Policy. In: NAU, H.; OLLAPALY, D. (Ed.). *World views of aspiring powers: domestic foreign policy debates in China, India, Iran, Japan, and Russia*. Oxford: Oxford University Press.
- Lebedeva, Marina M. 2004. International Relations Studies in USSR/Russia: Is There a Russian National School of IR Studies?. *Global Society*, Kent, vol. 18, n. 3, pp. 263-278.
- Mannheim, Karl. 1954. *Ideology and Utopia: an introduction to sociology of knowledge*. Londres: Routledge.
- Mielniczuk, Fabiano; Piccolli, Larlecianne. 2015. Política e Sociedade da Rússia Atual. *Em debate*, Belo Horizonte, vol. 7, n. 4, pp. 50-54.
- Nalicmag. *Site oficial*. Disponível em: < <http://www.polismag.ru> > . Acesso em: 18 de maio de 2015.
- Neumann, I. 1996. *Russia and the Idea of Europe*. London: Routledge.
- Political Science. *Site oficial*. Disponível em: < <http://193.232.218.56/web-local/fak/rj/index.php?id=23&p=134> > . Acesso em: 18 de maio de 2015.
- Socio-Political Journal. *Site oficial*. Disponível em: < <https://istina.msu.ru/journals/578708/> > . Acesso em: 18 de maio de 2015.
- RISA. Ver: RISA. *Site oficial*. Disponível em: < <http://rami.ru/en> > . Acesso em: 18 de maio de 2015.
- Sakwa, Richard. 1999. *The Rise and Fall of the Soviet Union, 1917-1991*. Londres: Routledge.
- Sergounin, Alexander. 2009. Russia: IR at crossroads. In: TICKNER, A.; WAEVER, O. *International Relations Scholarship around the World*. Nova York: Routledge.
- Tickner, Arlene B.; Waever, Ole. *International Relations Scholarship Around the World*. Londres: Routledge, 2009.





- Tickner, Arlene B.; Blaney, David L. *Thinking International Relations Differently*. Londres: Routledge, 2012.
- Tickner, Arlene B.; Blaney, David L. *Claiming the International*. Londres: Routledge, 2013.
- Thorun, Christian. 2009. *Explaining Change in Russia Foreign Policy*. Hampshire: Palgrave.
- Tsygankov, Andrei P. 2014. Contested identity and foreign policy: interpreting Russia international choices. *International Studies Perspectives*, 15, pp. 19-35.
- Tsygankov, Andrei P. 2012. Globalization: a Russian perspective. In: TICKNER, A.; BLANEY, D. (Ed.) *Thinking International Relations Differently*. Londres: Routledge.
- Tsygankov, Andrei P. 2010. *Russia's Foreign Policy: change and continuity in national identity*. Lahham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Tsygankov, Andrei P.; Tsygankov, Pavel A. 2010. Russian Theory of International Relations. In: DENEMARK, R. (Ed.) *International Studies Encyclopedia*. Hoboken: Wiley-Blackwell.
- Valdai Club. *Site Oficial*. Disponível em: <<http://valdaiclub.com/about/>> . Acesso em: 18 de maio de 2015.
- Waltz, Kenneth N. 2002. *Teoria das relações internacionais*. Lisboa: Gradiva.
- Wight, Martin. 1991. *International Theory: the three traditions*. Nova Iorque: Holmes & Meier.

